

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NO GÊNERO NOTÍCIA

Josa Coelho da Silva¹

RESUMO: Esta pesquisa elabora uma breve análise do funcionamento e constituição do gênero discursivo notícia, da esfera jornalística, através das relações dialógicas com discursos já-ditos e pré-figurados. A fundamentação teórico-metodológica adotada segue a Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin, utilizando-se das concepções de linguagem, enunciado e gênero discursivo. Foi anexada a notícia analisada, publicada no jornal Diário Catarinense (de circulação estadual) em 09 de agosto de 2007, na editoria de Gerais. A metodologia de análise buscou seguir a ordem proposta por Bakhtin para o estudo da língua: as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições de produção (contexto), as formas dos enunciados em relação ao gênero do discurso e o exame das formas da língua. Este artigo limitou-se em descrever apenas uma dimensão do gênero discursivo: a verbal². Foram enumeradas algumas regularidades enunciativas/discursivas encontradas que tipificam a interação mediada por esse gênero na mídia, com foco na composição (relações dialógicas com outros enunciados).

Palavras-chaves: Gênero do discurso. Relações dialógicas. Dimensão verbal.

ABSTRACT: This research elaborates one brief analysis of the functioning and constitution of the discursive genre notice, of the journalistic sphere, through the dialogic relationships with already-said and daily pay-appeared speeches. The reasoning theoretical-methodological adopted follows the Dialogic Analysis of Speech of the Circle of Bakhtin, using conceptions of language, utterance and discursive genres. The analyzed notice was annexed, published in the periodical Diário Catarinense (of state circulation) in 09 of August of 2007, in the editoria of Gerais. The methodology of analysis follows the order proposal for Bakhtin to study of language: the forms and the types of verbal interaction in linking with the conditions of production (context), the forms of utterances than the speech genres and the examination of language forms. This article was limited in describing only one dimension of the discursive genre: the verbal one. Some found regularities enunciative/discursive had been enumerated, that analysis the interaction mediated for this genre in the media, with focus in the composition (dialogic relationships with other statements).

Key words: Discursive genre. Dialogic relationships. Verbal dimension.

1

Formada em Comunicação Social – Jornalismo pela UNISUL e estudante de graduação de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela UFSC. Bolsista PIBIC.

2

É importante esclarecer que as duas dimensões apontadas neste artigo – a verbal e a social ou extraverbal – não são processos ou instâncias estanques ou separados (autônomos), mas interligados pelo próprio funcionamento do gênero nas diversas interações.

ISSN 1807-5193

1 Introdução

No início do século XIX, um grupo de estudos denominado Círculo de Bakhtin inovou a Linguística da época ao propor uma nova filosofia da linguagem, de fundamentação marxista: a concepção de linguagem como interação verbal. A proposta, apresentada no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*³, e detalhada em outros trabalhos ora assinados por Voloshinov, ora por Bakhtin, pretendia dialogar com as correntes do pensamento filosófico-lingüístico da época, introduzindo uma tese sociodialógica da linguagem.

Bakhtin (2004) divide as correntes da época em duas vertentes: Subjetivismo Idealista⁴ e Objetivismo Abstrato. O primeiro considerava a linguagem como simples expressão do pensamento. Com orientação lingüístico-filosófica no Romantismo (Wilhelm Humboldt, Karl Vossler, Leo Spitzer e Benedetto Croce são alguns representantes), consideravam como núcleo da realidade lingüística o ato da fala individual, ou seja, monológico: linguagem como expressão do EU. A língua como uma atividade ininterrupta de construção (energia) que se materializava nos atos de fala individuais (teoria da expressão).

Já o Objetivismo Abstrato tinha orientação no Racionalismo e no Neoclassicismo (representantes: Leibniz, Bally, Ferdinand de Saussure). Aqui, o núcleo da realidade lingüística era o sistema abstrato das formas lingüísticas. A língua como um sistema estável, imutável, objetivo e homogêneo. A função da linguagem era ser instrumento de comunicação. Reduziam, assim, a língua ao código de comunicação, não considerando o enunciado, por exemplo.

Bakhtin (2004) dialoga com essas correntes ao afirmar que ambas negam o caráter dialógico da linguagem e sua natureza sócio-histórica e ideológica. Contrariando a idéia de língua como sistema, ele considera-a enquanto interação social (tese sociodialógica da linguagem), ao afirmar que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

(BAKHTIN, 2004, p. 123)

3 Apesar de ser assinado por V. N. Voloshinov, atualmente o trabalho é atribuído a M. Bakhtin.

4 Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, aparecem dois termos para nomear o mesmo grupo: Subjetivismo Idealista e Subjetivismo Individualista.

ISSN 1807-5193

A linguagem, portanto, medeia as diversas situações de interação verbal, que implica dois indivíduos (locutor e ouvinte) de mesma comunidade lingüística e de uma sociedade organizada. Eles precisam estar integrados na “unicidade da situação social imediata”, ter relações entre si; ou seja, “a unicidade do meio social e a do contexto social imediato” são as condições básicas para haver um “ato de linguagem” (BAKHTIN, 2004, p. 70-71). O produto dessa interação entre “dois indivíduos socialmente organizados” é a enunciação.

A proposta bakhtiniana, portanto, defende que a natureza da linguagem tem relação com o social e o ideológico: a realidade fundamental da língua é a interação; ela só pode ser analisada na sua complexidade quando considerada como fenômeno socioideológico (não é um sistema fechado); a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal (realidade fundamental da língua), realizada através da enunciação; a língua viva evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico das formas da língua.

A inovação dessa teoria foi romper com o esquema simplista da Lingüística Geral, sob a perspectiva do Objetivismo Abstrato e do Subjetivismo Idealista: onde o falante (ativo) envia uma mensagem ao destinatário, cujo caráter é totalmente passivo. No esquema mais complexo de Bakhtin, o destinatário (interlocutor) assume um caráter ativo na construção da enunciação, pois é ele quem dá forma e estilo.

2 O caráter dialógico da linguagem

A concepção de linguagem como interação verbal implica o que Bakhtin (2004) denomina de caráter dialógico: qualquer expressão, qualquer individualidade criativa são determinados socialmente, bem como orientados para o outro⁵. A palavra, como produto da interação entre dois indivíduos, comporta “duas faces”: procede de alguém e se dirige a alguém (sempre busca a reação do outro). Por isso que, para a teoria bakhtiniana, não existe discurso neutro e nem “fala individual”: ela é sempre composta de discursos já-ditos e dirigida a alguém.

O “outro” para Bakhtin (o interlocutor) não é um simples ouvinte que compreende passivamente a enunciação, mas aquele que responde e replica de maneira ativa – é um participante ativo da comunicação discursiva. O falante constrói seu enunciado (estilo e composição) de acordo com essa resposta que ele espera.

“Por palavra do outro (enunciado, produção verbal) entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, pronunciada ou escrita em minha língua (minha língua materna), ou em qualquer outra língua, ou seja: qualquer outra palavra que não seja a minha.” (BAKHTIN, 1997b, p.383).

A situação dos participantes dá forma e estilo à enunciação; ou seja, a enunciação é socialmente dirigida: “A situação mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, [...] a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.” (BAKHTIN, 2004, p. 113). O dialogismo é considerado por Bakhtin (1997a) como uma das formas composicionais do discurso.

O próprio ato de compreensão do interlocutor é dialógico:

Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência: a consciência do outro e seu universo, isto é, outro sujeito (um tu). [...] a compreensão implica duas consciências, dois sujeitos. [...] A compreensão sempre é [...] dialógica. (BAKHTIN, 1997a, p. 338)

A relação com o sentido, portanto, é sempre dialógica: a “coisa” da qual se fala não existe mais só em si e para si, mas “para algum outro” (BAKHTIN, 1997a, p. 343); o sentido se dá nessa relação dialógica que só é possível entre enunciados concluídos, proferidos por sujeitos falantes distintos. “A relação dialógica pressupõe uma língua, mas não existe no sistema da língua.” (BAKHTIN, 1997a, p. 345).

3 A língua como discurso

A teoria bakhtiniana dialoga com duas correntes lingüístico-filosóficas de conceber, investigar e compreender a língua: como sistema e como discurso. A língua como sistema, objeto da Lingüística, é estudada como objeto de signos: suas relações sintático-composicionais, semânticas, tudo dentro do sistema da língua e nos limites do texto. Já a língua como discurso, objeto da Metalingüística, considera os enunciados, gêneros do discurso e relações dialógicas (entre enunciado e realidade, sujeito e outros enunciados). Bakhtin adota essa última concepção:

[...] a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. (BAKHTIN, 2005, p. 181)

Tanto a Lingüística quanto a Metalingüística, portanto, estudam o mesmo fenômeno sob diferentes aspectos e ângulos de visão. Enquanto a primeira considera apenas a “dimensão verbal” do discurso, a segunda, adotada por Bakhtin, considera também a “dimensão extraverbal”. Pois, como afirma Bakhtin: “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 274).

As relações dialógicas, aspectos extralingüísticos, estão no cerne da teoria bakhtiniana enquanto concepção de linguagem como interação verbal – a materialização do discurso.

O discurso, portanto, nasce no diálogo: ele é sempre orientado para a resposta-ativa do interlocutor, que, por sua vez, participa da formação do discurso:

[...] Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada.

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo. (BAKHTIN, 1998, p. 89)

Esse diálogo, momento da enunciação, é irrepitível: o discurso, como um “evento”⁶ no mundo, é proferido uma única vez em determinada situação de interação. Não pode ser repetido, apenas citado. O mesmo acontece com a unidade real de comunicação discursiva: o enunciado, conceito-chave para a teoria bakhtiniana.

4 O enunciado: unidade real e concreta da comunicação discursiva

O discurso materializa-se na forma de enunciados: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Ou seja, “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 274).

Com essas afirmações, Bakhtin define o enunciado como a unidade real e concreta da comunicação discursiva. Uma totalidade discursiva irrepitível: para Bakhtin, o enunciado é um evento único, que não se repete, no máximo pode ser citado (BAKHTIN, 2004). E que possui o caráter dialógico: todo enunciado é uma resposta ao que já foi dito e espera uma nova resposta. “Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação ininterrupta” (BAKHTIN, 2004, p. 123).

Os enunciados, assim, entrelaçam-se numa corrente de “diálogos” em que o sentido não tem fim, não pode haver enunciados isolados. É o que Bakhtin (2003, p. 271) denomina de responsividade: quando o ouvinte torna-se falante, pois sua compreensão (ativa) é sempre de natureza responsiva – uma resposta ao já-dito. A compreensão, assim, também é dialógica: compreender implica tornar-se participante no diálogo⁷ (BAKHTIN, 1997a, p. 355).

A construção do enunciado, portanto, é bem mais complexa e determinada por outras variantes que se entrecruzam na situação social de interação, apontadas por Bakhtin (2003, p. 289): gênero, intenção do falante, expressividade (“a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado”), a relação valorativa do falante com o objeto do discurso. O elemento expressivo, portanto, sempre acompanha o enunciado – por isso não existe enunciado absolutamente neutro.

De acordo com Rodrigues (2005), o gênero é composto por duas dimensões inextricáveis que também se aplicam ao enunciado:

- a) A dimensão lingüística: verbal, com uma expressão material semiótica exprimida, materializada;
- b) A dimensão social: extra-verbal, a situação social em que o discurso é proferido.

Essa segunda dimensão, que Bakhtin denomina de “situação social mais imediata”, também determina a construção do enunciado: a ligação entre os falantes, por exemplo (se é chefe e empregado, pai e filho, professor e aluno), o momento da fala (conversa de bar ou apresentação de um seminário). Ela é definida por quatro tipos de “horizontes”: temporal e espacial (toda enunciação ocorre em determinado tempo e espaço), axiológico (índices de valor que sempre acompanham o objeto expresso) e temático (objeto de sentido). Essas são as condições sociais de produção dos enunciados.

Mas o que de fato determina um enunciado e o diferencia de uma oração são: a alteridade (alternância dos sujeitos discursivos); a expressividade (posição valorativa); e a conclusividade (objeto do discurso, o projeto discursivo e a composicionalidade típica do gênero). São peculiaridades enunciativo-discursivas e lingüístico-textuais próprias do enunciado, apontadas por Bakhtin (2003).

7

Bakhtin (1997a) distingue três participantes do enunciado: o primeiro é o autor da produção verbal; o segundo é o destinatário, a quem o autor espera e presume uma compreensão responsiva; e o terceiro é o superdestinatário, quem “compreende” o enunciado.

Como aponta Rodrigues (2005), a expressividade é a instância de expressão da posição valorativa do falante e dos outros participantes da comunicação discursiva (a marca do dialogismo no interior do enunciado). As outras duas características determinam os “limites” do

enunciado. A alteridade é determinada pelo chamado “dixi conclusivo”: quando o falante “passa a palavra” ao ouvinte. O enunciado, assim, possui início e fim (antecedido pelos já-ditos e seguido pelos enunciados-respostas). Já a conclusividade é a manifestação da alternância dos sujeitos discursivos vista do interior do enunciado (RODRIGUES, 2005). Segundo Bakhtin (2003, p. 280-281), é quando há possibilidade de resposta (posição responsiva) – pode ser “contestado”. É a conclusão do assunto, o “disse tudo”: quando o enunciado alcança a completude de sentido (totalidade discursiva). Ele aponta ainda três fatores que determinam essa “inteireza do enunciado”: 1) tratamento exaustivo do sentido do objeto do enunciado (tema); 2) projeto discursivo do falante (limites); 3) gêneros do discurso (situação de interação).

Pode-se perceber, com essas características, que o dialogismo marca o enunciado tanto externa quanto internamente: ele já se constrói dialogicamente como discurso do outro. A situação dos participantes, portanto, define a forma e o estilo do enunciado.

5 Gêneros do discurso: tipos relativamente estáveis de enunciados

Os enunciados são sociodialogicamente tipificados nas diversas interações, constituindo o que Bakhtin denomina de gêneros do discurso: “tipos relativamente estáveis de enunciados” ou “formas relativamente estáveis e normativas do enunciado” (RODRIGUES, 2005, p. 163). Rodrigues (2005, p. 164) explica a noção bakhtiniana de “tipo” como “modos sociais de discurso”:

[...] tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes.

Para Bakhtin (2004, p. 43) “[...] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas”. Sendo “modos sociodiscursivos”, os gêneros, portanto, regulam, organizam e significam a interação.

Os gêneros são “relativamente estáveis” porque se adaptam facilmente às mudanças sociais, transformam-se com o surgimento de novas interações. Segundo Bakhtin (2003, p. 283), a diversidade de gêneros é enorme e suas formas “[...] são bem mais flexíveis, plásticas e livres que as formas da língua”.

Como características dos gêneros discursivos, podem-se apontar:

1. Caráter normativo: Os gêneros dão um “horizonte”, um “caminho” para a fala. De acordo com Rodrigues (2005), eles servem como “modos sociais de ação” e como “índices sociais” para a construção dos enunciados, ajudam a calcular o “dixi conclusivo” do falante, entre outras funções. Esse caráter normativo é o processo de tipificação, já explicado anteriormente.

Eis alguns elementos da enunciação, apontados por Bakhtin (2003), que são determinados pelos gêneros: entoação expressiva (os gêneros dão o “tom” do enunciado); escolha das orações e das palavras; e concepção de destinatário (cada gênero possui uma concepção típica de destinatário). Enfim, os gêneros regulam, organizam e significam a interação. Eles são, portanto, constituídos dentro da situação social de interação: o que os define são as funções discursivo-ideológicas e a esfera social; não suas propriedades formais (RODRIGUES, 2005, p. 164).

2. Estratificação social: Segundo Bakhtin (1998, p. 81-82), cada enunciação concreta do sujeito do discurso sofre aplicações de forças da língua, as quais ele divide em forças centrípetas e forças centrífugas. O primeiro grupo possui a função de unificação e centralização da língua: impõe a idéia de “língua única”, presente no pensamento lingüístico e estilístico e com papel criador e estilizador para a maioria dos gêneros poéticos. Já as forças centrífugas desunificam e descentralizam a língua: estas estratificam-se em várias linguagens (“plurilingüismo”). Para Bakhtin (1998), o plurilingüismo está sempre presente nas enunciações.

Bakhtin considera os gêneros discursivos como forças sociais centrífugas, pois possuem a ação de estratificação social: todo discurso é pressuposto por vozes sociais – vozes de instituições, posicionamentos axiológicos e ideologias⁸.

3. Esferas sociais e cronotopos: Todo gênero pertence a uma esfera social. Cada esfera

possui funções sócio-ideológicas particulares e um repertório de gêneros discursivos próprios.

8 Com base em Bakhtin (1998 e 2004), as ideologias podem ser compreendidas como instâncias sociodialógicas e semióticas que se constituem e funcionam em confluência entre o discurso interior e exterior e cuja materialidade discursiva é perpassada por diversos índices sociais de valoração, que não apenas legitimam seu caráter axiológico, mas também, em adição, determinam seu sentido.

Por exemplo, notícia, artigo assinado, reportagem e entrevista são alguns gêneros da esfera do jornalismo.

Cada gênero também possui um campo predominante de existência, que é o seu cronotopos. Como explica Rodrigues (2005), é a situação social própria de cada gênero. Ele é definido pelos horizontes (espacial, temporal, temático e axiológico) e pela concepção de autor e destinatário.

4. Índices de totalidade: Os gêneros ainda se constroem a partir de três elementos enunciativos, denominados por Bakhtin de índices de totalidade – tema (objeto e finalidade discursivos, sua orientação de sentido para com ele e os outros participantes da interação), estilo (uso típico de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e composição:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.

(BAKHTIN, 2003, p. 261-263)

Todos esses conceitos (gênero, enunciado, discurso) são interligados, na teoria bakhtiniana, com a noção de ideologia – já que trabalham com signos, por serem da área da linguagem, e todo signo é ideológico. Segundo Bakhtin (2004, p. 32): “Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico.”

Essa é a maneira como as ideologias perpassam os gêneros: refletindo e refratando realidades por meio do discurso. Bakhtin (2004, p. 118-119) define dois “grandes grupos” de ideologias: ideologia do cotidiano e sistemas ideológicos constituídos.

O primeiro seria o domínio da palavra interior e exterior desordenado e não fixado em um sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada estado de consciência. O autor relaciona as ideologias do cotidiano com os chamados gêneros primários (simples): formados na “comunicação discursiva imediata”, do cotidiano, não formalizados e institucionalizados. Exemplos: conversa de salão, conversa sobre temas cotidianos, carta, diário íntimo, bilhete, entre outros (BAKHTIN, 2003).

Já os sistemas ideológicos constituídos podem ser perpassados por ideologias do cotidiano, que se transmutam e são revaloradas (reacentuadas) – passam a ser vistas como sistematizadas. As ideologias institucionalizadas são formadas pela moral social, ciência, arte e religião. Ambos os conceitos formam uma relação de influência mútua: esses produtos ideológicos constituídos conservam um constante elo vivo com a ideologia do cotidiano, alimentam-se de sua “seiva”, pois fora dela “morrem” – eles necessitam dessa base para se firmarem.

Esse segundo grupo é representado pelos gêneros secundários (complexos): advêm de um convívio cultural mais complexo, são institucionalizados, como romance, editorial, tese, palestra, anúncio, livro didático, drama, pesquisa científica, e muitos outros. Tanto os gêneros primários quanto os secundários formam uma espécie de ciclo: os secundários surgem dos primários (incorporam-nos e reelaboram-nos), mas continuam “influenciando” suas interações sociais. Todos os gêneros jornalísticos (notícia, reportagem, editorial, artigo, etc.) são secundários.

De acordo com a teoria bakhtiniana, os gêneros do discurso mantêm uma relação dialética com o enunciado: eles dão o “tom” (caráter normativo), mas também surgem dos próprios

enunciados. É nas situações de interação em determinadas esferas sociais que surgem os gêneros primários e secundários. Essas esferas, por sua vez, são perpassadas pelas ideologias do cotidiano e pelas ideologias institucionalizadas. Os gêneros, portanto, nascem da inter-relação entre esfera, interação, tipificação, enunciado e ideologias.

Para Bakhtin, portanto, qualquer ação e qualquer discurso proferido é iluminado ideologicamente. O sujeito, ao “falar”, ocupa uma posição ideológica definida. Todo autor⁹ possui uma ideologia que é difundida no texto – não declarada. E uma das formas de afirmar uma ideologia “disfarçadamente” no texto é através do que Bakhtin denomina “discurso de outrem”:

Aqui, a palavra de outrem se apresenta não mais na qualidade de informações, indicações, regras, modelos, etc., – ela procura definir as próprias bases de nossa atitude ideológica em relação ao mundo e de nosso comportamento, ela surge aqui como a palavra autoritária e como a palavra interiormente persuasiva. (BAKHTIN, 1998, p. 142)

O autor, portanto, transmite e legitima sua ideologia através da fala do outro.

⁹ É importante compreender o conceito de “autor” para Bakhtin (1997a), tão citado neste trabalho: aquele que se responsabiliza pela enunciação. Na análise em questão do gênero notícia, o autor não é apenas o jornalista que escreve e assina a matéria, mas também o jornal no qual o texto foi publicado: o nome do jornal é o responsável por todas as matérias que saem nele.

6 Relações dialógicas: a reação-resposta ao já-dito

“O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação.” (BAKHTIN, 2004, p. 144). É dessa maneira que Bakhtin define a citação do “discurso de outrem”: trata-se não apenas de uma simples repetição, mas de uma reacentuação, reenunciação da voz do outro. A enunciação citada passa a ser o tema do discurso narrativo, mas também entra na construção sintática do discurso como “uma unidade integral de construção”, com certa autonomia:

É a partir dessa existência autônoma que o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conservando o seu conteúdo e ao menos rudimentos da sua integridade lingüística e da sua autonomia estrutural primitivas. A enunciação do narrador [...] elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando [...] a autonomia primitiva do discurso de outrem. (BAKHTIN, 2004, p. 144-145)

O discurso “incorporado”, portanto, por mais que se mescle com o discurso do autor, por mais que perca suas barreiras e apague seu início e fim, ainda mantém uma autonomia, como um “todo auto-suficiente”.

6.1 Modos de enquadramento do discurso do outro

Bakhtin levanta dois esquemas principais padronizados para citar o discurso do outro, que são encontrados com bastante frequência no gênero notícia¹⁰: Discurso relatado direto e Discurso relatado indireto.

Na citação, para Bakhtin (2004), há duas orientações principais: “conservar” ou “comentar” o discurso citado. O primeiro, representado pelo discurso direto, conserva a integridade e autenticidade do discurso do outro, além de trazer consigo um grau de “firmeza ideológica”, autoritarismo e dogmatismo. Já na segunda orientação, marcada pelo discurso indireto, os índices de valoração do autor são mais visíveis: trata-se de uma transmissão analítica do discurso do outro. É a marca direta do dialogismo e que aparece com mais frequência na notícia.

O discurso direto, portanto, possui um estilo mais marcado: tem a sua fala separada da do autor, por aspas ou por novo parágrafo, com travessão. Já o indireto tem seus limites “apagados”, funde-se com a fala do autor. Geralmente é identificado pelo modo de introdução (verbos dissidentes), como no exemplo a seguir:

(1) A assessoria de comunicação da prefeitura informou que o tucano está convalescendo de uma cirurgia na boca e não havia aparecido na prefeitura.

Mas o discurso direto, por mais que marque uma inter-relação de objetividade e de neutralidade através desse movimento de separação da fala do outro, também reacentua e reenuncia o discurso do outro. Como mostra Rodrigues (2001, p. 189), no caso do gênero artigo, mas que também serve para a notícia:

Todo discurso citado deixa de ser um acontecimento da sua situação de interação para se tornar um acontecimento do artigo, passando pelo processo de enquadramento (a situação de interação do discurso citado fica ausente; ele se torna parte do cronotopo do artigo). As aspas que “emolduram” o discurso relatado direto não são lacres que garantem a integridade do discurso citado. São sinais de alteridade entre o discurso do autor e do outro incorporado que, junto com a explicação desse outro, funcionam como marcadores de confiabilidade, criam o efeito de integridade da transmissão da fala.

O discurso citado, portanto, é sempre um discurso enquadrado (valorado, avaliado) pelo discurso que o cita; o que se manifesta, explícita ou implicitamente, na materialidade lingüística. É por isso que, para Bakhtin, não existe palavra neutra: ela é sempre povoada de intenções. Toda obra literária cria um “todo único” (um enunciado) com enunciados de outros. Até o discurso direto do autor, segundo Bakhtin (1997a, p. 343), “é conscientemente preenchido de palavras do outro”. Pois além de reacentuar o discurso do outro, os discursos citados também constroem e solidificam a orientação valorativa do autor. O autor, assim, transmite e legitima suas ideologias através da fala do outro.

6.2 Movimentos dialógicos com enunciados já-ditos

Rodrigues (2001) identifica dois grandes enquadramentos com enunciados já-ditos no gênero artigo, também encontrados na notícia¹¹: movimento dialógico de assimilação e movimento dialógico de distanciamento.

O termo “assimilação” é utilizado por Rodrigues (2001) para identificar a incorporação de outras vozes orientadas para a posição valorativa do autor. Geralmente são falas autorizadas, representantes legitimados, com alta credibilidade. Já o movimento dialógico de distanciamento é utilizado pela autora para denominar os casos de desqualificação da palavra do outro, através do enquadramento ou vozes com menos credibilidade.

Uma forma explícita de avaliar o discurso do outro, por exemplo, são como “ele não quis se manifestar”, ou ainda “não explicou tal coisa” e “disse apenas”. Essas aparecem com grande frequência no gênero notícia.

(2) O DC voltou a tentar contato com o prefeito. Berger preferiu não conversar com a imprensa.

(3) Ontem, os procuradores que formam a força-tarefa da Operação Moeda Verde não quiseram explicar os motivos que os levaram a pedir a “suspeição” do juiz Zenildo Bodnar, conforme antecipou o DC.

As aspas também são outro exemplo de projeção estilístico-composicional que serve como estratégia de distanciamento e valoração do autor: além de marcar os limites do discurso direto, ele deixa bem claro que aquelas palavras não são dele, eximindo-se, assim, da responsabilidade sobre o que foi dito. Segundo Rodrigues (2001, p. 197-180), além de se distanciar das palavras aspeadas, o autor atribui os sentidos que elas evocam a outros, criando também certa distância apreciativa em relação a elas.

(4) Ontem, os procuradores que formam a força-tarefa da Operação Moeda Verde não quiseram explicar os motivos que os levaram a pedir a “suspeição” do juiz Zenildo Bodnar, conforme antecipou o DC.

¹¹ Os dados foram encontrados no gênero artigo, mas podem ser redirecionados à análise do gênero notícia.

7 Relações dialógicas: a orientação para o leitor

Assim como todo gênero, a notícia também orienta-se para a reação-resposta ativa do destinatário e constrói-se a partir dessa “expectativa”: muitas relações dialógicas encontradas dão-se em razão do interlocutor, pois é em função dele que se constrói o discurso.

7.1 Movimentos dialógicos com enunciados pré-figurados¹²

Na análise feita, foram identificados quatro movimentos dialógicos básicos na relação

entre autor e interlocutor: direcionamento, ativação do conhecimento prévio, refutação e interpelação. Os dois últimos foram também encontrados por Rodrigues (2001) no gênero artigo.

a) Movimento dialógico de direcionamento: direciona o leitor a compreender o fato a partir do posicionamento do autor.

(5) De acordo com o vereador João Aurélio Valente Júnior (PP), ele e os colegas Dalmo Menezes (PP) e Aurélio Tertuliano de Oliveira (PMDB) devem definir a composição hoje. Oliveira, que é suplente do vereador João da Bega (PMDB), não pode ocupar nenhum dos dois postos. Ontem, o titular, que é muito ligado ao prefeito, foi até a Câmara verificar a possibilidade de retornar imediatamente à Casa, antes do término da licença de 60 dias que pegou para assumir uma diretoria da Casan.

b) Movimento dialógico de ativação do conhecimento prévio: são informações não explicadas que ativam o conhecimento prévio do leitor. De acordo com Rodrigues (2001), essas informações são ancoradas na situação social de interação; ou seja, dependem do conhecimento de mundo do interlocutor, se ele sabe sobre o assunto.

12

Rodrigues (2001) denomina de pré-figurados os enunciados que estão por vir; ou seja, as possíveis respostas do interlocutor.

(6) A assessoria de comunicação da prefeitura informou que o tucano está convalescendo de uma cirurgia na boca e não havia aparecido na prefeitura.

c) Movimento dialógico de refutação (RODRIGUES, 2001): o autor antecipa possíveis respostas do interlocutor. Segundo Rodrigues, é uma forma de o autor abafar uma possível objeção do leitor: “[...] o autor provoca o silenciamento de enunciados pré-figurados (possível contra-palavra), que ou incorpora no seu discurso ou leva em conta na construção do seu enunciado.” (RODRIGUES, 2005, p. 178-179).

Os indicadores modais¹³ são um exemplo que impõe a posição do autor e antecipa a atitude responsiva do leitor.

(7) Dário, que deve ser notificado na terça-feira, terá até 10 dias para apresentar sua defesa e relacionar testemunhas (no máximo 10).

d) Movimento dialógico de interpelação (RODRIGUES, 2001): impõe o ponto de vista ao leitor. De acordo com Rodrigues (2005, p. 179): “[...] determinado ponto de vista é apresentado como o ponto de vista, à qual o leitor deve se sentir compelido, persuadido a aderir.”

(8) O resultado final da Comissão de Investigação e Processante que irá apurar as suspeitas que recaem sobre o prefeito Dário Berger (PSDB) por conta de uma lei de incentivo ao turismo deve ser conhecido até meados de novembro.

8 Considerações Finais

As regularidades enunciativas/discursivas encontradas na notícia comprovam a hipótese da impossibilidade de um discurso neutro: recursos lingüísticos apontados, estruturação da matéria (a escolha do que é importante) e as relações dialógicas com outros enunciados compõem as estratégias de valoração do texto. São marcas textuais que representam o caráter de responsividade (relações dialógicas) e de valoração do gênero notícia. O texto jornalístico visto como enunciado, assim como defende a teoria bakhtiniana, também é mais um elo na cadeia discursiva, o que é visível a partir dos movimentos dialógicos com enunciados já-ditos (assimilação e distanciamento) e pré-figurados (direcionamento, ativação do conhecimento prévio, refutação, e interpelação).

Koch utiliza o termo modalizadores como outra denominação para os operadores argumentativos, já que possuem a função de “[...] determinar o modo como aquilo que se diz é dito.” (KOCH, 2004, p.29).

Já Maingueneau (2001, p.107) define modalização como um modo que indica a atitude do enunciatador frente ao que diz.

9 Referências

BAKHTIN, Mikhail. Apontamentos 1970-1971. In: Estética da criação verbal. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997b. p. 369-414.

_____. [VOLOSHINOV, V. N]. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. O discurso em Dostoiévski. In: Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p.181-275.

_____. O discurso no romance. In: Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p.72-163.

_____. O problema do texto. In: Estética da criação verbal. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a. p.327-358.

_____. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A inter-relação pela linguagem. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo. 2001. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

10 Anexo: notícia do Diário Catarinense, quinta-feira, 9 de agosto de 2007 (p. 34).

Moeda Verde Vereadores apuram denúncia contra o prefeito Dário Berger

Investigação será concluída em novembro

JOÃO CAVALLAZZI

O resultado final da Comissão de Investigação e Processante que irá apurar as suspeitas que recaem sobre o prefeito Dário Berger (PSDB) por conta de uma lei de incentivo ao turismo deve ser conhecido até meados de novembro. Pelo menos é o que prevê o Decreto-Lei 201/67, legislação que regulamenta esta modalidade de apuração (veja box).

Até o final da noite de ontem, os três vereadores escolhidos para compor o grupo não haviam definido

com quem ficará a presidência e a relatoria da Comissão.

De acordo com o vereador João Aurélio Valente Júnior (PP), ele e os colegas Dalmo Menezes (PP) e

Aurélio Tertuliano de Oliveira (PMDB) devem definir a composição hoje. Oliveira, que é suplente do

vereador João da Bega (PMDB), não pode ocupar nenhum dos dois postos. Ontem, o titular, que é muito ligado ao prefeito, foi até a Câmara verificar a possibilidade de retornar imediatamente à Casa, antes do término da licença de 60 dias que pegou para assumir uma diretoria da Casan. João da Bega foi informado que não poderia antecipar o retorno, previsto para o próximo dia 19. Até lá, Oliveira é quem ocupa a cadeira na Comissão. Conforme o procurador Antônio Chraim, os parlamentares têm cinco dias corridos, a contar de ontem, para chegar a um acordo e notificar o prefeito.

O prazo expira na segunda-feira. Dário, que deve ser notificado na terça-feira, terá até 10 dias para apresentar sua defesa e relacionar testemunhas (no máximo 10). Depois disso vem a fase de instrução, que pode durar até 90 dias.

Prefeita prefere não se manifestar

Ao fim deste prazo, a Comissão deve decidir se prossegue com a investigação ou arquiva o caso. Se os trabalhos avançarem, Berger terá que se afastar do comando do Executivo até o julgamento final, que deve ocorrer em prazo de mais 90 dias.

O DC voltou a tentar contato com o prefeito. Berger preferiu não conversar com a imprensa. A assessoria de comunicação da prefeitura informou que o tucano está convalescendo de uma cirurgia na boca e não havia aparecido na prefeitura. Ontem, os procuradores que formam a força-tarefa da Operação Moeda Verde não quiseram explicar os motivos que os levaram a pedir a “suspeição” do juiz Zenildo Bodnar, conforme antecipou o DC. No mês passado, os seis procuradores que compõem o grupo chegaram a convocar uma entrevista coletiva para anunciar a medida. O juiz Zenildo Bodnar, da Vara Federal Ambiental de Florianópolis, deixou de reconhecer ontem a exceção de suspeição criminal interposta contra ele pelo Ministério Público Federal, em função da Operação Moeda Verde, enviando a questão para decisão do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), em Porto Alegre (RS).